

# **Clínicas Públicas nos primórdios da psicanálise: uma introdução**

## **Public clinics in the early days of psychoanalysis: an introduction**

**Rafael Alves Lima**

**Universidade de São Paulo (Brasil)**

**Resumo:** O presente artigo realiza uma introdução à história das clínicas públicas, abertas e gratuitas no período entreguerras europeu. Primeiramente, hipotetizamos alguns dos motivos presentes no aumento do interesse por essa história. Depois, buscamos elencar questões relativas a posições políticas dos analistas do período, a financiamentos, às relações com o Estado e aos motivos pelos quais tais experiências pioneiras acabaram quando se inicia a Segunda Guerra Mundial. Por fim, buscamos interpretar os efeitos que tal história terá especialmente na psicanálise argentina e brasileira por meio dos movimentos migratórios, reiterando a importância do estudo deste momento decisivo da história da psicanálise.

**Palavras-chave:** clínicas públicas; dinheiro; entreguerras europeu; história da psicanálise; política.

**Abstract:** This article provides an introduction to the history of open, free, public clinics in the European interwar period. First, we hypothesize some of the motives that are present in the increased interest in this story. Next, we sought to list issues relating to the political positions of analysts of the period, to funding, to relations with the State, and to the reasons why such pioneering experiences ended when World War II began. Finally, we seek to interpret the effects that such history will have especially on Argentine and Brazilian psychoanalysis through migratory movements, reiterating the importance of the study of this decisive moment in the history of psychoanalysis.

**Keywords:** public clinics; money; European interwar period; history of psychoanalysis; politics.

## Preâmbulo

Nos últimos anos<sup>1</sup>, presenciamos no Brasil a emergência de diversos dispositivos de atendimento psicanalítico abertos e gratuitos, que visam tornar acessível o tratamento psicanalítico a segmentos da população que muito dificilmente teriam acesso a ele pelas vias tradicionais – de indicação, recepção ou procura de demanda espontânea, por exemplo. Em um cenário nacional em que a psicanálise ainda hoje é frequentemente assombrada pela antiga névoa que a encobre como um tratamento “da burguesia para a burguesia”, parece ter sido necessário no estágio atual do neoliberalismo à brasileira um acerto de contas com a nossa própria história, seja do ponto de vista político em sentido geral, seja do ponto de vista do movimento psicanalítico brasileiro em particular.

Não por acaso, este desanuviar despertou o interesse pela história desse tipo de prática clínica por parte desses grupos e coletivos. Afinal, seria absolutamente improvável que tais dispositivos teriam sido criados sem qualquer lastro histórico, inventados pela criação inspirada de seus fundadores ou instalados pela divina providência do ineditismo. Sob o sentimento comum de que a roda não se reinventava propriamente em nenhuma das iniciativas, esses grupos partilhavam e partilham uma urgência comum de recuperar situações prévias na história da psicanálise nas quais tais dispositivos pudessem se reconhecer mutuamente, inclusive como estratégia de formação comunitária de laços entre os próprios grupos.

No entanto, talvez isso ainda não seja suficiente para compreender por que o interesse neste tema ter se tornado tão relevante neste nosso momento histórico no Brasil. Tal interesse não seria meramente contingencial, mas confirma-se cada vez mais como um interesse vertical. Há um conjunto de motivos que podem ser elencados que configuram o cenário geral da emergência destes dispositivos públicos de tratamento: 1) uma certa descrença estratégica nos *establishments*<sup>2</sup> institucionais de formação

---

1 O presente artigo foi preparado como uma apresentação no evento “Questões Sociais e Políticas na História da Psicanálise: ontem e hoje”, no Instituto Sedes Sapientiae em São Paulo, dia 9 de junho de 2018. Optamos por manter o tom espontâneo geral da forma oral da apresentação, com o uso da primeira pessoa no texto lido. Trata-se de um texto de caráter introdutório, visando especialmente o mapeamento das referências no tema endereçando-o à publicação, mas sem transformações significativas do conteúdo bruto original. A apresentação filmada na íntegra pode ser acompanhada no link: [https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=4223&v=1YEFFF0bUKM](https://www.youtube.com/watch?time_continue=4223&v=1YEFFF0bUKM)

2 Usamos *establishments* na aproximação com o estudo de Norbert Elias e John L. Scotson sobre a configuração social do par *estabelecidos-outsiders* segundo a adoção de condutas, tradições e valores historicamente determinados, influenciando diretamente da tolerância à diferença geracional. Vale citar: “[...] Como acontece com a maioria das pessoas de hoje, os membros do grupo estabelecido e até os recém-chegados, talvez, são indivíduos criados com uma rigidez particular de visão e de conduta; muitas vezes, foram criados acreditando que todo mundo tem ou deveria ter, essencialmente, os mesmos senti-

de psicanalistas – algo que frequentemente é traduzido como descrença em instituições (mas penso que a descrença aponta mais para *establishments* institucionais do que para as instituições propriamente ditas); 2) a chamada ausência de um suposto grande mestre na psicanálise hoje no mundo; e 3) à posição supostamente “marginal” da psicanálise no Brasil em relação ao universo continental. Partindo do terceiro ponto para o primeiro, e se quisermos retomar o espírito crítico de Jacques Derrida (2007) em *Geopsicanálise e ‘o resto do mundo’*, lembraríamos que o tema da história das clínicas públicas de psicanálise estar na pauta do dia da psicanálise no Brasil parece estar em posição diametralmente oposta a outro fato, que é a quase ausência de bibliografia em português sobre tal história – uma vez que as experiências pioneiras de clínicas públicas de psicanálise no entre-guerras eram majoritariamente europeias, enquanto “o resto do mundo” experimentou tais modelos bem mais tardiamente. Ora, o escasso material traduzido para o português acaba por se restringir a dicionários franceses<sup>3</sup>, salvo raras exceções como traduções da Revista Internacional da História da Psicanálise (Mijolla, 1988; Mijolla, 1989) ou o livro *O Círculo Secreto* da canadense Phylis Grosskurth (1992). Que isso não pareça um mero detalhe: a instalação de uma tradição de pesquisa sobre um determinado tema é profundamente dependente de uma política editorial que fomente tal produção. Ora, se não há interesse editorial nestas publicações em português, não se cria uma cultura de estabelecimento de uma biblioteca fundamental no assunto, ficando o assunto assim restrito a interpretações “dicionarescas” de rápido acesso e fácil digestão, ou ainda a circuitos no mínimo bilíngues que recaem quase sempre na pesquisa de extração universitária. Portanto, a carência de frequência desta bibliografia é efeito direto e indireto da dita “geopsicanálise”, e cada vez mais parece crucial criar políticas editoriais para traduzir e publicar textos capazes de superar dificuldades de chegada às bibliografias disponíveis em outras línguas e dar livre curso à pesquisa interessada no tema.

Quanto ao segundo ponto – a ausência do mestre –, como não sou e nunca fui um entusiasta desta espécie de “nostalgia de objeto”, que faz

---

mentos e comportamentos que eles. É muito provável que não tenham sido preparados para os problemas que surgem quando os recém-chegados se encontram com velhos moradores de sentimentos e condutas diferentes, que reagem de maneira negativa a seus estilos de comportamento. Em suma, eles não foram preparados para os problemas sociais de um mundo com uma mobilidade social cada vez mais acentuada, mas sim para uma época passada, na qual eram menos abundantes as oportunidades de mobilidade social, no sentido mais lato da expressão. Em geral, o limiar de tolerância a formas de conduta e a crenças diferentes, quando se tem de conviver em estreito contato com seus representantes, continua a ser excepcionalmente baixo. Parece corresponder a condições sociais em que a maioria das pessoas tendia a passar a vida inteira em seu grupo natal, expondo-se com menos frequência a um choque [...]” (Elias & Scotson, 2000, p. 175).

3 Mijolla, 2005; Roudinesco & Plon, 1998.

com que muitos recorram ao expediente da saudade<sup>4</sup>, devo dizer que, honestamente, acho o cenário atual de descrença nos *establishments* e ausência de grandes mestres verdadeiramente positivo. A junção entre o primeiro e o segundo ponto é o que promove uma maior abertura das instituições a convites para psicanalistas vindos de fora delas e é o que faz com que leiamos não apenas os assim chamados autores canônicos da psicanálise, mas nos exige um debruçar com maior afinco sobre essa disciplina que é a História da Psicanálise. Considerada por alguns circuitos psicanalíticos por muito tempo como uma espécie de “patinho feio” de disciplinas vizinhas, a História foi tida sempre como um saber acessório, secundário, um saber “onde tudo cabe”, sem tanto prestígio quanto a Filosofia, a Sociologia ou a Antropologia (pros lacanianos especialmente, a Linguística<sup>5</sup>), uma História com “h minúsculo”, útil apenas para demonstrar erudição ou como argumento de autoridade de ocasião. Estamos diante de um momento bastante rico e interessante especialmente no Brasil em que o interesse pela história da psicanálise tem sido decisivo para os grupos de clínicas públicas e abertas, mas também gerado pesquisas, discussões de método, publicações, orientações historiográficas diversas, dentro e fora da universidade (Alves Lima, 2015a). Já desfeita da posição de “patinho feio”, quero crer, a História da Psicanálise tem se revelado no campo psicanalítico brasileiro atual uma disciplina de honra inquestionável, em que ler texto sem contexto se tornou um expediente inaceitável. Retomando a questão da ausência do mestre, podemos dizer que a história da psicanálise tem se apresentado justamente como um dos campos mais férteis ao que eu chamaria de *crítica da fulanização da psicanálise* - ou seja, a defesa de que a história da psicanálise precisa passar por um processo de *desfulanização*. Se é verdade que estes grupos e dispositivos não estão referidos a um ou outro “fulano” e nem tampouco se prestam à exclusividade ou à fiel obediência a uma doutrina psicanalítica específica em detrimento de suas vizinhas, nada enfim pode parecer mais positivo do que este cenário, que é digno do nosso mais sincero entusiasmo.

### **Por que uma história das clínicas públicas de psicanálise?**

Afinal, o que um estudo sobre clínicas públicas nos primórdios da psicanálise pode nos ensinar? Ou melhor: o que queremos quando buscamos um estudo sistemático da história das primeiras clínicas públicas de psicanálise? Que expectativas temos quando decidimos estudar tal objeto? Uma primeira advertência é a da suspensão da *expectativa de coerência entre posição política, posição institucional e posição teórica do psicanalista*.

---

4 Algo como: “Ah!, como era bom quando todos nos reuníamos em torno de Fulano, nos analisávamos com Fulano, nos supervisionávamos com Fulano, líamos Fulano, frequentávamos Fulano, criamos a Escola Fulaniana de Psicanálise...”

5 O movimento laciano é um caso especial: até mesmo a Matemática parece ter mais credibilidade em certos circuitos lacanianos do que a História.

As teorias de gênero, por exemplo, nos ensinaram a desvincular identidade de gênero, escolha de objeto e corpo biológico: diferenciar as dimensões (masculino e feminino, homem e mulher, homossexual e heterossexual, cis e trans) é validar as mais diversas combinatórias e possibilidades de escolha do sujeito neste campo. As teorias de gênero nos ensinaram que supor que a combinatória homem-masculino-hetero-cis é resultado exemplar do que Judith Butler e outros chamaram de heteronormatividade compulsória (Butler, 2003). De forma análoga, é como se esperássemos em nossas questões uma outra normatividade: que, por exemplo, um psicanalista de posições teóricas mais progressistas estivesse mais à esquerda no espectro político e fosse mais questionador quanto aos *establishments* institucionais – ou o contrário, um psicanalista de posições teóricas conservadoras fosse “de direita” e naturalmente conservador também na instituição. Ora, esta linha de coerência absoluta obviamente não se sustenta. A expectativa de coerência se orienta desde uma normatividade; supor um (posição teórica) pelo outro (posição política, por exemplo), é um erro grave que um historiador da psicanálise desadvertido – na verdade, que qualquer um que se dedique à história intelectual ou à história das ideias – pode cometer. Nisso, nós psicanalistas temos de fato muito o que aprender em termos de discussão historiográfica com os historiadores. Porém, não obstante, é curioso o efeito gerado pela tomada de conhecimento da obra e das biografias destes psicanalistas das primeiras clínicas públicas. Sentimos uma espécie de alívio, que instantaneamente vira um engodo. Apesar das diferenças entre esses psicanalistas, há uma coesão incomum entre posições teóricas, políticas e institucionais entre os que estiveram à frente das clínicas públicas de psicanálise entre o fim dos anos 10 e o fim dos anos 30. Bom, como disse, junto com o alívio (“ah!, que reconfortante saber que pelo menos naquela época os psicanalistas eram mais coerentes”), o engodo, sob a forma de um “bons tempos em que a psicanálise era de esquerda”, ou qualquer coisa que o valha.

Vamos suspender as nostalgias de objeto e as conclusões apressadas por enquanto. Elencaremos seis perguntas frequentes que se colocam quando aquilo que se pretende é um estudo sistemático da história das primeiras clínicas públicas de psicanálise:

### *O que eram as chamadas clínicas públicas de psicanálise?*

É praticamente consensual entre os historiadores da psicanálise que o marco de inauguração das propostas das clínicas públicas de psicanálise está na conferência do Freud de 1918, realizada dois meses antes do Armistício que daria fim oficial à Primeira Guerra Mundial. Estamos falando de *Caminhos da Terapia Psicanalítica* (Freud, 1919/2010), que por vezes também é traduzido como *Linhas de Progresso na Terapia Psicanalítica*. É ali que Freud lança as bases de um projeto que irá se sedimentar e ganhar corpo em vários pontos estratégicos para a expansão da psicanálise no

continente europeu. Entre 1920 e 1938, em dez cidades e sete países diferentes, foram construídas pelo menos 12 Policlinicas na Europa, de Zagreb a Londres, passando obviamente por Berlim, Viena e Budapeste, certamente as mais conhecidas<sup>6</sup>.

Apesar de termos adotado a nomeação geral “clínicas públicas” em nosso título, é preciso lembrar que não havia consenso em relação à nomeação delas nos primórdios da psicanálise. A experiência berlinense se autodenominou “Policlínica”, enquanto a de Viena se autodenominou “Ambulatório”. Tal diferença não é mero acaso: ela se dá justamente pelas diferenças de *modus operandi* em que cada qual se dava. Vale lembrar, por exemplo, da diferença etimológica entre clínica e ambulatório. Clínica vem do grego *kline*, que é deitar-se, de onde derivamos “declinar-se”, “reclinar-se”. Ambulatório, por sua vez, vem da palavra latina *ambulare*, que é “andar por aí”, de onde derivamos “perambular”, “deambular”. Logo, a autodenominação de cada iniciativa era não apenas um capricho, mas sim, e sobretudo, uma expressão sobre o seu modo particular de funcionamento.

Para se ter uma primeira ideia do mapa geral: a Policlínica de Berlim foi a primeira, criada em 1920 graças especialmente ao empenho de Max Eitington<sup>7</sup>, mas também de Ernst Simmel. Eduard Hitschmann cria o Ambulatório de Viena em 1922. Em 1926, sob a direção de Ernest Jones, cria-se a Clínica de Londres. Em 1926, Ernst Simmel, co-fundador da Policlínica de Berlim, funda um centro em Schloss Tegel<sup>8</sup>, fora da cidade. Sandor Ferenczi cria no outono de 1929 a Policlínica de Budapeste<sup>9</sup>, um projeto que na verdade vinha sendo concebido há 10 anos, mas que só seria executado e desenvolvido a partir de 1931, integrado à Sociedade Psicanalítica Húngara. Wilhelm Reich cria a Sex-Pol nos anos 20<sup>10</sup>. Há menos notícias das clínicas públicas de Trieste, no nordeste da Itália, sob os auspícios de Edoardo Weiss<sup>11</sup>; de Zagreb, fundada em 1928, capitaneada por Paul Schilder – um dos pioneiros da psicanálise iugoslava -<sup>12</sup>; de Frankfurt – capitaneada por Karl Landauer<sup>13</sup>, Erich Fromm e outros; apesar da breve

---

6 É preciso dizer que o roteiro para este nosso artigo se baseia principalmente no livro extraordinário de Elizabeth Ann Danto, *Freud's Free Clinics* - considerado pelo campo atual de historiadores da psicanálise a referência maior em termos de riqueza de documentos e análise de fontes primárias no estudo histórico das clínicas públicas de psicanálise no entreguerras europeu. Recomendamos fortemente a leitura deste livro aos interessados no tema. Cf. Danto, 2005. A publicação deste livro em português está prevista para este ano, sob os cuidados da editora Perspectiva (SP).

7 Sobre a trajetória de Eitington, cf. especialmente Rolnik, 2012; Libermann, 2012 - este último também será publicado em português neste ano pela editora Annablume (SP).

8 Cf. Schultz & Hermanns, 1991; Sokolowsky, 2010; Danto, 2009.

9 Cf. Mészáros, 2014.

10 Cf. Danto, 2000; Bennett, 2010. Os ensaios de Reich na Sex-Pol foram publicados em Reich, 2012. Dentre as biografias de Reich, cf. Sharaf, 1983.

11 Cf. Accerboni, 1988; Roazen, 2017; Pasqualini, 2012.

12 Cf. Savelli, 2013.

13 Cf. Rothe, 1996.

duração de dois anos, a clínica de Frankfurt foi a última a ser fundada, em 1929, mas a primeira a estar organicamente ligada a um instituto universitário, cujo pensamento de vanguarda que ficou conhecido como Escola de Frankfurt repertoriaria em definitivo o pensamento crítico ocidental<sup>14</sup>. Em Moscou<sup>15</sup>, junto ao seu Instituto de Psicanálise, foi estabelecida uma Casa das Crianças entre 1921 e 1925, capitaneada por Vera Schmidt, onde em 1923 viria também trabalhar Sabina Spielrein<sup>16</sup>. Já Nova York<sup>17</sup> e Paris<sup>18</sup>, que também contariam com clínicas públicas, têm experiências menos documentadas e menos trabalhadas em suas especificidades pela bibliografia corrente até o momento.

*Quais eram as posições políticas dos psicanalistas das clínicas públicas de psicanálise?*

Como anunciei no começo, não havia consenso quanto ao compromisso político de tais iniciativas: havia um amplo espectro que abarcava posições das mais revolucionárias às mais tradicionalmente liberais ou social-democratas. Incluem-se aí aqueles que não tinham qualquer apreço pela militância política direta, mas que o faziam pelo por si só político “compromisso civil com o bem-estar humano” (Danto, 2005, p. 2).

O chamado “Austro-marxismo” inspirou uma social democracia reformista em vários aspectos, da arquitetura de Bauhaus à música de Schoenberg, compondo o cenário político e subjetivo da “Viena Vermelha” (Gruber, 1991), mas também o espírito progressista da cultura da República de Weimar (Gay, 2001). Era este heterogêneo espírito progressista

14 A respeito da ligação entre a clínica pública de Frankfurt e o Instituto de Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt, cf. Jay, 1996.

15 Cf. Etkind, 1997; Rice, 1993; Miller, 1998; Veer, 2011.

16 Entre os estudos mais recentes, destacamos a compilação sobre a esfera soviética em Savelli & Marks, 2015. No Brasil, destacamos os estudos de Renata Cromberg. Cf. Cromberg, 2017.

17 A primeira tentativa de criação de uma clínica pública em Nova York data de 1921, segundo Danto, graças ao empenho de Caroline Newton, assistente social analisada por Freud e depois por Rank. Assistente social de formação, Caroline Newton foi impedida nos anos 20 de praticar a psicanálise pela associação nova-iorquina de psicanálise, liderada por A. A. Brill, que barrava os analistas não médicos. Por isso, a iniciativa duraria pouco. A respeito da história da psicanálise nos EUA, cf. especificamente Hale Jr., 1995, mas também Makari, 2008.

18 Até onde conseguimos investigar, encontramos pouca documentação específica sobre a clínica parisiense que teria se iniciado nos anos 20, sob a tutela institucional e financeira de Marie Bonaparte. Oficialmente, encontra-se mais facilmente a história a partir da primeira metade dos anos 50, quando do momento de sua institucionalização no então denominado Instituto de Psicanálise. Renomeado como Centro Jean Favreau, a clínica pública inaugurada em Paris segue em atividade até hoje, dentro da Sociedade Psicanalítica de Paris. No entanto, ainda está para ser feita uma pesquisa mais detida especificamente sobre a clínica pública de Paris. Para a psicanálise na França em geral, cf. Roudinesco, 1988; Mijolla, 2010.

dos analistas de Berlim que propiciaria por exemplo o ensino da psicanálise na universidade, como no caso de Karl Abraham, mas também de Ferenczi na Hungria. De acordo com Danto (2005), Erich Fromm, Otto Fenichel, Karl Landauer e Wilhelm Reich eram declaradamente marxistas; Bruno Bettelheim, Helene Deutsch, Ernst Simmel e Siegfried Bernfeld se identificavam como socialistas; Edith Jacobson, Marie Langer e o próprio Reich se identificavam como comunistas; Eduard Hitschmann, Paul Federn, Karen Horney e Freud já tinham uma posição social democrata<sup>19</sup>. Já nas memórias de Richard Sterba<sup>20</sup>, integrante fundamental do Ambulatório de Viena, o quadro geral é menos específico do que o de Danto; segundo ele, a maior parte dos psicanalistas eram liberais, que politicamente tinham uma simpatia maior pelas ideias social-democratas. De qualquer modo, não se trata de tomar este quadro como decisivo em relação a posições pessoais destes psicanalistas, mas, pelo menos, ele serve para ampliar o espectro de leitura que muitas vezes se reduz à polaridade do radicalismo de Reich *versus* a posição moderada do “resto”, onde estariam todos os outros em um grande conjunto indistinto chamado social-democracia. Caberia assim a tarefa de compreender a fundo de que social-democracia, perspectiva revolucionária ou liberalismo de fundo progressista se trata, para não incorrerem em anacronismos, querendo traduzir tais categorias segundo as nossas, ou tal como a compreendemos hoje – que talvez teria pouca correspondência com os anos 20 e 30.

Ponto importante: a maior parte destes analistas não se tornariam autores propriamente ditos. Acostumamo-nos hoje a pensar em autores como “fulanos”, como “chefe de escolas”, proponentes de mudanças técnicas, escritores de grandes obras. É certo que eles têm obras, mas são obras modestas em termos de volume e quantidade, assim como é certo também que suas potências se dão mais no trabalho coletivo do que na obra individual.

*O dispositivo da supervisão foi inventado na Policlínica de Berlim? E com qual finalidade?*

Sim. Provavelmente aqueles que ouviram falar da Policlínica de Berlim um dia ouviram exatamente isso: a supervisão enquanto dispositivo de formação psicanalítica de analistas foi formalizada enquanto tal na experiência berlinense da Policlínica. Vale lembrar que as interpretações eram praticadas quase que livremente nas reuniões do Comitê secreto. Uma rápida olhada nas atas das reuniões do Comitê (Wittenberger & Tögel, 2002) per-

---

19 A leitura de Danto (2005) a respeito da posição política de Freud pode ser controversa, especialmente se levarmos em consideração sua discipulação em textos. No entanto, ela desenvolve o argumento a partir das cartas entre Freud e Ferenczi, em que Freud mais diretamente se posiciona a respeito e de forma pessoal.

20 Sterba, 1982.



mite ver como era comum recorrer ao expediente psicanalítico para realizar interpretações de cunho clínico mesmo a respeito de textos e casos em circulação, de forma heterogênea e que hoje nos espantaria pela “selvageria”, pois eram um misto de análise do analista “a céu aberto” e recomendações do estilo supervisão. No fundo, esse expediente de “sair interpretando os outros” a partir do caso que ele partilha em reunião ou a partir da impressão sobre um texto é o que borra as fronteiras que diferenciam a supervisão inventada em Berlim e a supervisão institucionalizada pela IPA, forma standardizada pela qual primordialmente a conhecemos hoje. Vale lembrar que a supervisão na Policlínica de Berlim era sim voltada para a formação de novos quadros de psicanalistas, mas de quadros que preferencialmente estariam referidos a institutos, associações e sociedades, e, sobretudo, “credenciados” por assim dizer para transitar por entre policlínicas e ambulatórios de outros países, ou mesmo implantar seus próprios projetos – como o fez Reich com a Sex-Pol. Se quisermos traduzir esta experiência com palavras contemporâneas, diríamos que a supervisão do modelo berlinense tem mais o perfil de “articulação de rede”, a se espriar pela Europa e depois pelo mundo, do que o horizonte “privatizante” que a incorporação ipeísta da supervisão enquanto *establishment* acabou por lhe conferir na história. De qualquer modo, é esse perfil de rede, desde as raízes de Viena, Berlim e Budapeste até os ramos das de outros países, que faz com que os aproximadamente 20 analistas dos anos 10 viessem a ser mais de 500 no fim dos anos 30, promovendo, divulgando e expandindo o freudismo em diversos cantos da Europa.

É perfeitamente aceitável que a “invenção” do tripé da formação psicanalítica seja creditada à Policlínica de Berlim, que se encarrega de sedimentar a intuição ferencziana da obrigatoriedade da análise do analista como dispositivo de formação, somado aos estudos junto às associações e grupos e às supervisões. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que a ambiência de cartas e correspondências, ou mesmo de encontros e congressos, não era tão asséptica e pacífica como a ideia do tripé enquanto “roteiro de formação” faz parecer. É preciso insistir nisso para sublinhar que os espaços de análise pessoal, estudo e supervisão não eram exatamente bem delimitados como eles nos são hoje. Neste sentido, algo do *establishment* ipeísta cumpre um papel decisivo na delimitação destes espaços no legado do freudismo. Vale lembrar, com Ernst Falzeder (2015), que nem todos os primeiros psicanalistas eram analisados (para pegar três exemplos do Comitê Secreto, Karl Abraham, Hanns Sachs e Otto Rank nunca fariam um dia sequer de análise pessoal).

Ora, sabe-se quantos roteiros acidentados e trajetórias interrompidas em meio a rotas selvagememente cruzadas. Temos diversos exemplos – talvez o mais pungente seja Otto Gross<sup>21</sup> - do tipo de efeito nefasto que as

---

21 Cf. a coletânea com os trabalhos de Otto Gross em Checchia, Souza Jr. & Alves Lima, 2017. Para uma análise circunstanciada, cf. Checchia, 2018.

misturas indevidas entre análises pessoais, supervisões, pertencimentos institucionais e delimitações dentro-fora do círculo psicanalítico geraram nos primórdios da psicanálise. É uma questão complexa, cujo escrutínio demandaria um texto inteiramente novo. Na impossibilidade de fazê-lo, logo, recuperemos um dos aspectos desses roteiros acidentados, relativo ao dinheiro.

### *De onde vinha o dinheiro?*

Esta parece ser uma das questões mais difíceis de mapear. Não havia uma fonte única de dinheiro. Pode-se dizer que foi fundamental no início ao grupo dos primeiros psicanalistas recorrer a um personagem pouco conhecido na história da psicanálise, chamado Anton von Freund. Graduado em química e doutor em Filosofia, von Freund chega até Freud em Viena, que se encarregará de realizar sua formação e sua análise pessoal em 1918. Neste mesmo ano, von Freund havia se empenhado em criar e se dispõe a subvencionar em Budapeste uma policlínica psicanalítica dotada de um instituto de formação. É esta iniciativa que leva Freud a reorganizar e fortificar o chamado Comitê Secreto, que havia sido criado em 1912, mas que estava com atividades “mornas” desde 1914. Em carta enviada por Freud em 4 de novembro de 1918, que está presente nas circulares do Comitê Secreto (uma fonte primária fundamental para a compreensão do cenário), há um tom estatutário que designa funções administrativas em relação a este fundo para os membros do Comitê. Abraham em Berlim, Ferenczi e von Freund em Budapeste, Jones em Londres, Rank e Sachs em Viena – sob a tutela de Freud, obviamente – se tornariam então corresponsáveis pelas decisões de destinos de tal dinheiro.

Mas e de onde vinha o dinheiro de von Freund? Além de químico de formação e doutor em filosofia, ele herdaria de seu pai uma grande fábrica de cerveja em Budapeste, a Steinbrucher Bürgerliche Brauerei A.G.. O fundo que von Freund havia destinado à criação da Policlínica de Budapeste não chegou a ser utilizado pelos psicanalistas, dada a morte prematura de Freund aos 39 anos de idade, em 20 de janeiro de 1920. Apesar dos muitos esforços para tal - especialmente de Ferenczi, que já em 1919 pretendeu dar este destino ao que nas circulares do Comitê Secreto ele denominava “o grande fundo de Toni” -, o que se sabe é que um outro fundo de von Freund foi utilizado para a criação da Editora Psicanalítica Internacional (a chamada *Verlag*), de onde viria uma parte importante da subvenção das atividades da policlínica. Pelas circulares do Comitê Secreto, é possível acompanhar como a partir de 1918 instala-se um espírito de vigilância e controle estrito não apenas dos fundos, mas também, por meio de uma política editorial significativamente rígida, da expansão do conhecimento psicanalítico.

Para entender o intercruzamento complexo entre administração de recursos financeiros, levantamento de verbas, política editorial, expansio-

nismo controlado do conhecimento psicanalítico e manutenção das policlínicas, o caso berlinense é um exemplo conspícuo. Primeiramente, é preciso entender como em Berlim se dividiam as funções entre a Associação Berlinese de Psicanálise, presidida por Abraham, e a Policlínica de Berlim, cujas funções gerais eram coordenadas especialmente por Max Eitingon. Grosso modo, as associações transmitiriam as teorias de Freud tais quais ele as havia concebido; já as clínicas públicas, por sua vez, ofereceriam a prática analítica aos candidatos, enquanto os institutos seriam transversais aos dois, sendo então responsáveis pela realização de seminários, supervisão de casos e análise didática. No entanto, apesar desta diferença de funções, a relação entre associação e policlínica era profundamente orgânica, a ponto de muitas circulares do Comitê Secreto oriundas de Berlim serem assinadas por Abraham e Eitingon, juntos. No conteúdo destas cartas, eram frequentes a preocupação com a formação de novos quadros de analistas, a questão dos recursos financeiros da *Verlag*, e especialmente o tom insistente de requisição de membros e candidatos de fora de Berlim para virem integrar a equipe da capital. Por mais que no contexto da República de Weimar ir a Berlim fosse interessante por vários motivos, a formação do time berlinense da policlínica não se dava ao sabor do acaso. Ao contrário, ela era profundamente seletiva. Pelas circulares do Comitê Secreto, é possível ver como todos buscam referências sobre quem os procura (“fulano veio a Viena procurando por análise e formação, disse que conheceu Abraham em Berlim, confere?”), criando assim um sistema de seleção de candidatos bastante atento. Ao mesmo tempo, vigiava-se no Comitê Secreto toda a produção de artigos e livros em nível mundial que fosse visível. “Saiu um livro no país de um fulano com o nome de psicanálise, alguém sabe do que se trata?”, e daí se encaminhavam resenhas críticas para a *Verlag*, a admissão do escritor dentro do círculo psicanalítico, e todo o circuito de legitimação de quem pode ou não pode falar em nome da psicanálise.

É preciso dizer isso porque tanto a Policlínica de Berlim quanto as outras principais eram também parte integrante desta grande *política de expansionismo fiscalizado*, regida por Freud e seus discípulos mais imediatos e confiáveis, especialmente no interior do Comitê Secreto. É deste modo que a autonomia relativa que tais discípulos tinham era partilhada dentro de um sistema ordenado de reconhecimento, de um pequeno círculo de autoadmiração e autolegitimação mútua entre seus membros.

E é dentro deste sistema que a centralidade de Max Eitingon na Policlínica de Berlim merece destaque. Sabe-se que Eitingon viria a frequentar as reuniões da Sociedade Psicanalítica de Viena desde ao menos o início de 1907. Voluntário em Burghölzli, Eitingon é enviado por Bleuler a Viena para ter lições com Freud e seu grupo, participando como convidado na

Sociedade Psicanalítica de Viena<sup>22</sup>. Não apenas a estandardização do ensino da psicanálise e a sedimentação do tripé de formação dos psicanalistas se dá em Berlim, mas também a clínica de crianças terá seu capítulo berlinense – aliás, é notável como por exemplo nos anos 20 Melanie Klein seria disputada por Berlim, Viena, Budapeste e Londres para vir a integrar as equipes e dar início a este trabalho com crianças.

Max Eitingon injetou indiretamente por várias vezes dinheiro para a manutenção do Ambulatório de Viena, mas o fundo se destinava especialmente à Policlínica de Berlim e à Editora. Se no caso de von Freundt o dinheiro vinha da fábrica de cervejas, no caso de Eitingon o dinheiro vinha da lucrativa fábrica de peles de sua família<sup>23</sup>. A alta capacidade administrativa de Eitingon se destacava dentre as demais, organizando não apenas os fundos que destinava à Policlínica, mas também toda uma agenda de funcionamento, de horários para análises, supervisões e grupos de trabalho. Mas além dessa alta competência como administrador, é preciso reconhecer seu papel no que tange às posições públicas em defesa da gratuidade do tratamento. Ora, já não é novidade para ninguém à época (assim como não é novidade pra ninguém hoje) que Freud ele mesmo conduziu análises não pagas ao longo de sua história. Sabe-se que isso se dava não apenas com aqueles ou aquelas que viriam a se tornar psicanalistas, como Marianne Kris (a primeira analista de Marylin Monroe) ou Eva Rosenfeld, mas também com pacientes em geral, como o poeta Bruno Goetz, além dos complexos manejos com dinheiro que Freud tinha por exemplo com o Homem dos Lobos. A participação de Freud no Ambulatório de Viena se dava fundamentalmente pela distribuição de vouchers, que seriam volumosamente distribuídos (algo entre 200 e 250 no total) com o intuito de cancelar e autorizar a recepção e circulação de pacientes no Ambulatório. Sem contar com um gestor como Eitingon, a dinâmica dos vouchers era o *modus operandi* de circulação de pacientes na experiência vienense dentro de um sistema que garantia a gratuidade dos tratamentos.

Eitingon fazia questão de sublinhar a intenção de Freud como poucos, vindo a público declarar por exemplo em um texto de 1925, que “o fato de os pacientes pagarem ou não pagarem não tem nenhuma influência importante no curso de uma análise” (Danto, 2005, p. 13). Posições como esta fizeram com que a Policlínica de Berlim fosse formando ao longo dos anos 20 e início dos 30 um verdadeiro *dream team* no que tange ao compromisso público da gratuidade das análises no seu próprio *staff* de analistas. Logo, não surpreende que o trânsito entre Viena e Berlim tenha propiciado a vinda de Reich e sua então esposa Annie em 1930, mais ou menos na

---

22 Cf. as atas de janeiro de 1907 em Checchia, Torres & Hoffmann, 2017.

23 Mary-Kay Wilmers, neta do primo de Max Eitingon, escreveu um livro sobre a história da família. Cf. Wilmers, 2012. A respeito dos negócios da família de Eitingon, cf. Declercq, 2017.

mesma época em que em Berlim também estarão Fenichel, Erich Fromm, Edith Jacobson, Siegfried Bernfeld e Karen Horney.

A London Clinic of Psychoanalysis, fundada em 6 de maio de 1926, capitaneada por Jones, foi financiada por um antigo paciente do próprio Jones. A “doação financeira tremenda”, nas palavras de Jones, viria de Prynns Hopkins. Freud, mesmo entusiasmado e apoiando o projeto inglês, não se privou de ironizar e dizer em carta a Jones: “boas notícias... eu sempre disse que a América não era útil para nada que não der dinheiro”. Em novembro deste mesmo ano de 1926, Melanie Klein chega a Londres, trabalhando ativamente na recepção gratuita de pacientes tal como fizera em Berlim, onde, também não por acaso, formava-se um grupo de estudos semi-informal com Fenichel, Simmel e outros sobre psicanálise de crianças. Nomes como John Rickman e Edward Glover também tiveram participação importante na experiência londrina da clínica pública. Tal experiência se mostrou ao longo dos anos a mais viável do ponto de vista da manutenção financeira. Em 1936, Prynns Hopkins se tornaria *Honorary Almoner*<sup>24</sup> da clínica pública londrina, mas não se interessaria por dirigir tratamento nelas. Ao invés disso, ele se empenha em desenvolver um programa de subvenções por ajudas voluntárias, tarefa que ele desenvolverá até 1956.

O Ambulatório de Viena contava com doações de Marie Bonaparte, especialmente na crise de 29, mas também de Edith Jackson, uma rica pediatra americana que viria em 1930 a Viena fazer análise com Freud e desenvolver uma clínica de crianças no Ambulatório de Viena, em parceria com Anna Freud. Contando também com o auxílio de Jones e do fundo inglês, entre 1935 e 1936 o Ambulatório de Viena mudará para a Bergasse 7, bem ao lado da casa de Freud, em uma casa com instalações bem melhores do que a anterior (a ponto de abrigar também a Editora – a Verlag). Como a invasão nazista se deu em Viena em ritmo mais lento e arduo do que a de Berlim, o Ambulatório de Viena conseguiu se manter em funcionamento até 1938.

*A intenção de estatização do tratamento psicanalítico foi sistematizada neste período?*

Pode-se dizer que a intenção da estatização estava sim presente; no entanto, não foi possível sistematizar tal intenção a ponto de levá-la a contento. A clínica pública que mais parece ter rendido esforços nesta direção foi o Sanatório de Schloss Tegel, capitaneada por Ernst Simmel. Um dos mais importantes personagens da história da Policlínica de Berlim, Simmel era um dos que falava abertamente do “caráter igualitário intrínseco à psica-

---

<sup>24</sup> *Almoner* é aquele que doa esmolas, em um sentido religioso do termo, mas também designa o trabalhador de medicina social.

nálise”, sendo recorrente o expediente da problematização da exploração do proletariado em seus textos. Tendo sido também presidente da Sociedade dos Médicos Socialistas entre 1924 e 1933, Simmel era um inteligente estrategista, que buscava conferir à linguagem técnica psicanalítica uma forma de habilitá-la a ser reconhecida e ter credibilidade externa, mas sem que ela se confundisse com outras práticas clínicas de saúde mental em curso em Berlim. Sua influência chegaria até a conhecida Escola de Frankfurt, junto a Erich Fromm e Karl Landauer, tendo suas ideias sido discutidas por Max Horkheimer<sup>25</sup>. Avesso à ideia de caridade, seu ativismo social se espraiava para além da psicanálise, indo em direção a uma proposição mais clara e integrada no campo da saúde mental pública. É conhecido por exemplo o momento em que Simmel procura o então Ministro da Cultura da Prússia para salvar o sanatório de Tegel, tendo conseguido convencê-lo a dar suporte estatal e dinheiro público para o seu projeto. No entanto, as críticas severas às instituições de caridade lhe custariam caro: seus opositores da Berlim Charité acusavam a “visão de mundo” da psicanálise de ser “unilateralmente voltada ao puramente somático” e desvalidavam à luz disso o programa clínico da psicanálise. Esta disputa de interesses levaria Simmel a ter que recorrer com certa frequência (e insistência) às iniciativas pontuais, privadas, de simpatizantes da causa psicanalítica, ex-pacientes ou mesmo pessoas que até viriam a se tornar psicanalistas no futuro que fizeram de suas doações uma “plataforma” para o ingresso no campo. Apesar da insistência, o Sanatório Psicanalítico de Schloss Tegel fecharia suas portas em 1931, não tendo conseguido sobreviver por muito tempo após a crise de 29.

Ou seja, vimos que, em meio ao levantamento de recursos via política editorial (que passou por momentos sofríveis entre 1923 e 1932 e foi salva por várias vezes graças aos recursos financeiros e à grande habilidade como administrador de Eitingon), as policlínicas eram significativamente dependentes da doação de particulares, que, além de von Freund, Bonaparte, Eitingon e do próprio Freud, somariam-se outros jovens recém chegados à psicanálise, como Edith Jackson, Dorothy Burlingham, Raymond de Saussure, Muriel Gardiner, para citar alguns nomes. No entanto, apesar de terem se multiplicado ao longo dos anos, estas iniciativas não viabilizariam uma sustentação das clínicas públicas pelo financiamento estatal.

### *Por que acabaram as clínicas públicas de psicanálise?*

Bem, com o perdão da obviedade, a resposta só pode ser uma: por causa da ascensão do nazismo. A nazificação da psicanálise no universo germânico seria devastadora para as experiências das clínicas públicas na Europa. Como bem resume Eran Rolnik:

---

25 Cf. o obituário escrito por Horkheimer em homenagem a Simmel (Horkheimer, 1948).

Quando a Segunda Guerra Mundial eclode, a IPA contava com 560 membros. Destes, trinta por cento estava nos EUA, enquanto os outros eram afiliados a uma das 12 outras sociedades psicanalíticas: além da Inglaterra, na Alemanha, em Viena, Suíça, Hungria, França, Holanda, Índia, Japão, Finlândia-Suécia, Dinamarca-Noruega, Itália e Palestina. Durante a guerra as conexões entre estas sociedades locais e a organização internacional foram quase que inteiramente cortadas, e em 1942 até mesmo o endereço preciso de algumas destas associações europeias não era conhecido (Rolnik, 2012, p. 72).

Para se ter uma ideia de quão pulverizada ficaria a psicanálise em um processo que se iniciara entre 1933 e 1934, vale lembrar que psicanalistas seriam literalmente guilhotinados (John Rittmeister, em 1943), mortos em campos de concentração (Karl Landauer, em Theresienstadt na República Checa) ou assassinados em tentativas de fuga (Salomea Kempner, no Ghetto de Varsóvia). A perseguição nazista faz com que os psicanalistas se engajem em um tipo específico de diáspora, como dirá Riccardo Steiner, um exílio forçado que lhes obrigaria a situação da expatriação compelida. Em março de 1938, a invasão nazista em Viena é absolutamente deflagrada; o Ambulatório, a Biblioteca e o Instituto seriam inteiramente destruídos, com documentos e registros dizimados, a Editora confiscada, e um toldo com uma suástica é posto na fachada da Bergasse 19, casa de Freud. Já em Berlim, o processo que transformaria o conjunto institucional psicanalítico berlinense em Instituto Göring é bastante conhecido e explorado em pesquisas e livros<sup>26</sup>. O capítulo sórdido da história da psicanálise da nazificação e arianização da experiência berlinense serve-nos para lembrar do risco de pulverização da psicanálise sob os totalitarismos.

Neste sentido, o capítulo britânico merece uma atenção aqui. Se até pouco antes da Segunda Guerra a psicanálise tinha dois centros, uma elipse se quisermos, entre o universo germânico e a associação britânica, durante e depois da Segunda Guerra é que Londres se afirmará como o centro decisivo na história da psicanálise. Seja pela inegável capacidade administrativa e diplomática (para o bem e para o mal) de Ernst Jones, aliada à recepção de Freud e sua família em 1938 em Londres, com o auxílio de Marie Bonaparte, seja por uma série de razões econômicas, sociais, diplomáticas e geopolíticas, será justamente ao longo dos anos 40 que a hegemonia ipeísta londrina se instala por definitivo enquanto polo irradiador da difusão expansionista e internacionalista do freudismo e, não por acaso, do que poderíamos chamar de pós-freudismo. Enquanto isso, destinos que eram antes suspeitos aos olhos do próprio Freud no que diz respeito à intenção expansionista, como os EUA, passam a ser o lugar de recepção dos psicanalistas exilados pela ascensão do nazismo. Vale sublinhar, neste caso, o exílio de Otto Fenichel. Apesar de não ter tido condi-

---

26 Cf. o estudo de Geoffrey Cocks, *Psychotherapy in the Third Reich*, um livro obrigatório neste assunto em específico (Cocks, 1997). Para uma interpretação geral, cf. Frosh, 2015.

ções de levar a cabo nos EUA uma reprodução da experiência de Berlim da qual participara com tanto afinco e vigor, Fenichel se manteve um crítico contumaz à ego psychology de seus colegas exilados nos EUA (que ele classificava como “pré-freudiana”), e defendeu até o fim da vida que a psicanálise não deveria deixar de ser marxista. Ou seja, suas raízes da experiência berlinense o levariam a colocar o seu freudo-marxismo *sui generis* como o antídoto contra a ego-psicologização da psicanálise nos EUA. Crítico também da hegemonização ipeísta londrina cujo processo viu acontecer no fim dos anos 30, Fenichel faria circular um importantíssimo conjunto de cartas e circulares: as chamadas *Rundbriefe*, editadas hoje em uma compilação de mais de 2500 páginas de cartas entre principalmente ele, Annie Reich e Edith Jacobson – uma documentação fundamental para a compreensão dos destinos do freudismo entre 1934 e 1945 na Europa e nos EUA. A intenção do que foi ocasionalmente chamado de “Círculo de Fenichel” era avaliar o estado da psicanálise no mundo a despeito da centralidade do grupo londrino – para lembrar da ótima expressão de Russell Jacoby, uma “oposição à esquerda” a Londres (Jacoby, 1986). Afinal, Ernest Jones nunca escondeu que preferia que a psicanálise pudesse ser praticada pelos não-judeus do que não ser praticada “at all”, como ele diria a Anna Freud em 1933, já desde a posição de presidente da IPA. Com a ascensão do nazismo, tal posição de Jones já tinha algum histórico de ser digna de desconfiança aos olhos de Fenichel, algo que a história só se encarregaria de confirmar e dar razão à percepção dele. Além da oposição à hegemonia ipeísta londrina de então, também havia a intenção de realizar a organização intelectual da psicanálise na ponte entre Europa e EUA, por meio de discussões teóricas sobre as transformações pelas quais a doutrina freudiana passava. Inicialmente, Wilhelm Reich fez parte das *Rundbriefe*, mas acusava com alguma frequência o grupo de não lhe dar apoio suficiente. Os percalços de Reich não seriam poucos em meados dos anos 30, tendo sido particularmente impactante a prisão de Edith Jacobson pela Gestapo em 1933 quando retornava de uma visita a Reich na Escandinávia. A prisão de Edith Jacobson marcava a percepção da perseguição nazista não só aos psicanalistas (judeus, de esquerda), mas também aos pacientes destes analistas, que também eram presos e interrogados a fim de revelar informações sobre seus respectivos analistas e pertencimentos a grupos. É neste contexto de medo generalizado ante um perigo obviamente real que Fenichel decide por não retirar o “apoio abstrato” a Reich, mas desliga-o do esquema das circulares pois lhe pareceu insustentável mantê-lo no grupo em favor da sua legitimação e sua segurança. A oposição de Fenichel era uma oposição interna ao movimento psicanalítico institucionalizado, pois não lhe interessava desligar-se dele por completo, o que implicaria no não reconhecimento de seu lugar enquanto psicanalista. Ao contrário, Fenichel se fez porta-voz de um freudismo clinicamente e conceitualmente ortodoxo, tendo feito sobreviver uma “psicanálise política” em tempos sombrios e terras inóspitas.



Fenichel, que também morreria cedo aos 48 anos, dos quais os 13 últimos foram no exílio, deixa como legado não apenas a sua mais conhecida obra “Teoria Psicanalítica das Neuroses”, publicada em dezembro de 1945, um dos mais completos apanhados de psicopatologia psicanalítica da história, mas também uma posição que parece central para a compreensão dos destinos senão práticos mas conceituais e políticos da experiência das policlínicas. Fenichel não será o único a se exilar nos EUA; Erich Fromm, Karen Horney, e anos depois o próprio Reich seriam alguns dos que também o farão, mas rompendo com a IPA. Tantos outros exilados nos EUA que vinham da experiência da Policlínica de Berlim, como Paul Federn, Ernst Simmel ou Franz Alexander, por exemplo, não romperiam com a IPA, mas tampouco conseguiriam reproduzir em solo americano uma clínica pública nos moldes europeus. Edith Jackson, por exemplo, de volta aos EUA, instalará primeiro em Yale e depois no Colorado entre os anos 40 e 70 um modelo de atendimento infantil que promovia o contato com a mãe no pós-parto conhecido como “rooming-in”; mas, apesar de realizar tratamentos gratuitos e manter sua amizade pessoal com Anna Freud, em quase nada este modelo de atendimento clínico se pareceria com o modelo vienense de psicanálise com crianças. Pouco também se sabe sobre as tentativas malsucedidas de Karen Horney e Teresa Benedek de reprodução de clínicas públicas nos EUA. Outros psicanalistas exilados desenvolveriam teorias próprias, como Erik Erikson, Heinz Hartmann ou Rudolph Loewenstein. De todo modo, não haveria condições de comportar dentro de um projeto político comum e articulado projetos tão díspares, cujo isolamento propositivo não deixa de ser o efeito devastador do nazismo sobre a psicanálise.

Ora, não é preciso ir longe para entender como o nazismo erradicaria qualquer condição minimamente progressista ou “à esquerda” que estas figuras eminentes poderiam desenvolver nos EUA. Provavelmente a exceção à regra tenha sido a do exílio de Max Eitingon, que consegue reproduzir em Tel Aviv uma experiência fiel e aproximada da de Berlim, cuja legitimação da herança está presente mesmo na carta de fundação da Sociedade Psicanalítica da Palestina, também em pleno funcionamento até hoje. A irreparável lealdade de Eitingon a Freud, aliada ao envolvimento com a causa sionista – que conferia a Eitingon um contorno diferente à sua experiência pessoal de migração – daria a ele e ao grupo que se forma em torno dele uma autonomia produtiva. Apesar das desconfianças de Fenichel (que por meio das *Rundbriefe* veiculava a suspeita de que Eitingon e sua equipe recairiam no perigo “privatizante”), ou de Anna Freud (que tinha restrições – assim como teve Freud em vida – quanto à associação entre a psicanálise e o sionismo), ou mesmo da pulverização dos laços via cartas que promoveu informações desencontradas entre psicanalistas cada qual em um canto do mundo, as pesquisas mais recentes sublinham que Eitingon pôde manter o espírito progressista da Policlínica de Berlim na experiência de Tel Aviv. Restaria saber se mesmo as que também se mantiveram ativa-

mente ao longo e após a segunda guerra mundial (Londres e Paris) e estão em pleno funcionamento ainda hoje mantiveram este mesmo “espírito”, ou caíram no risco privatizante do qual advertia Fenichel. Esta é uma pergunta que ainda permanece em aberto.

### **Encaminhamentos finais**

Estabelecer um quadro geral do que foram as experiências das clínicas públicas nos primórdios da psicanálise é uma tarefa complexa e, no limite, insuficiente, por mais introdutórios que sejam os nossos objetivos. Recuperando o início do nosso texto, lembro também que é notável o fato de que pouco se fala sobre heranças possíveis destas experiências na América Latina. Vejam que, se fosse possível traçar uma linhagem via divã da formação daqueles que emigraram para o Brasil e para a Argentina, por exemplo, chegaríamos de algum modo às clínicas públicas da Europa. Não foi sem surpresa que, durante minha pesquisa de doutorado, me vi diante de informações como: dentre os emigrados para a Argentina, 1) Heinrich Hacker teria sido analisado por Jeanne Lampl-de Groot, formado na Policlínica de Berlim entre 1925 e 1933, onde trabalhou (tendo trabalhado também em Viena neste período) até retornar à Holanda com o seu marido para fundar a Sociedade Holandesa de Psicanálise; 2) Angel Garma (analista de Pichon Riviere e correspondente ocasional das *Rundbriefe* de Fenichel) teria se analisado com Theodor Reik em Berlim<sup>27</sup>; 3) Marie Langer, que dispensa apresentações no nosso cenário latino-americano, analisara-se com Richard Sterba, um dos mais importantes quadros do Ambulatório de Viena. E, dentre os emigrados para o Brasil, lembremos de: 4) Adelheid Koch, que se analisara com Otto Fenichel, tendo sido supervisionada por Salomea Kempner e participado já no finzinho da Policlínica de Berlim (como se sabe, a vinda de Koch para o Brasil passou extensamente pelo incentivo de Jones e do próprio Fenichel); e 5) Werner Kemper, que se analisara com Carl Muller-Braunscweig, tendo sido supervisionado por Fenichel e Ernst Simmel, mas atravessando a história da nazificação da psicanálise berlinense, será posteriormente também supervisionado por Felix Boehm, um dos principais responsáveis arianização berlinense que atenderá sob o nome de Instituto Göring. Trago essas histórias (esses *pedigrees de divã*, digamos) pra ilustrar como de fato rastrear a história da psicanálise pela história das análises pessoais e supervisões dos analistas é importante, mas não suficiente para entender como se dá a expansão da psicanálise no dito “resto do mundo”. Ou poderíamos nos perguntar: em questão de geopsicanálise, que espécie de garantia via filiação esperamos da pergunta “quem fez análise com quem”? Que papel cumpre este famige-

---

27 É verdade que a questão da análise leiga e o fato de Reik não ser médico trazia inúmeros impeditivos ao seu trabalho na Policlínica de Berlim, mas não o impedia de colaborar com textos e participar das iniciativas que Freud o incluía

rado *pedigree do divã* em nossas expectativas de coerência entre posição política, teórica e institucional dos psicanalistas? Kemper e Koch, de perfis e biografias tão diferentes, que selariam tradições institucionais e posicionamentos políticos tão diferentes nos anos que se seguiram desde a chegada deles, podem ser exemplos da fragilidade dessa expectativa de coerência. Isso parece indicar com alguma segurança que, ao mesmo tempo em que as clínicas públicas nos primórdios da psicanálise foram experiências inquestionavelmente ricas no entreguerras no que tange ao compromisso da psicanálise com a democracia e com a coisa pública, também é verdade que isso não se deu sem uma alta carga de burocratização, de estandardização do *training*, de institucionalização no sentido forte do termo. Por mais que reconheçamos que toda instituição de formação em psicanálise tenha, digamos, “pelo menos um pouquinho de Policlínica de Berlim dentro de si” quando veicula tratamentos gratuitos ou quase gratuitos por meio de suas “clínicas sociais” (correspondentes à etapa da formação institucionalizada do psicanalista em que os candidatos atendem pacientes por baixo ou nenhum custo). Não obstante, não são muitas as “clínicas sociais” de institutos de formação de analistas que comportam a vocação crítica que lhes caberia, acabando por secundarizá-la a uma etapa da formação institucionalizada, a ponto de muitos psicanalistas se sentirem “desobrigados” a “atender de graça” quando “formados”. Recorro a um certo excesso de aspas aqui justamente porque penso que se trata de uma progressão verdadeiramente problemática: há uma dissimetria aqui que é um efeito colateral do processo de implantação e difusão das instituições de formação psicanalítica estandardizada (Alves Lima, 2015b). Resta a pergunta: mesmo tendo este *algo* da Policlínica de Berlim dentro de si e tendo vocação inata para tal, as clínicas sociais que fazem parte das instituições de formação não acabam por reproduzir perfis gerais mais “londrinos” do que “berlinenses”? Mais “parisienses” do que “húngaros”? Mais “americanos” do que “soviéticos”? São provocações que lançam um desafio não apenas à história comparada, mas, sobretudo, um convite à autocrítica.

Afinal, vale encerrar com as palavras de Freud em uma carta que a Ernst Simmel em 9 de janeiro de 1939: “O seu Sanatório não está ainda completo. Se no momento de sua abertura eu não estiver mais vivo você poderá fazê-lo como achar melhor. Mas se, ao contrário das expectativas, eu ainda estiver aqui, um telegrama seu tornará possível uma decisão rápida”. No ano em que ambos estão exilados (Simmel em Los Angeles e Freud em Londres), é notável o apelo de Freud para que Simmel recupere não apenas a experiência de Schloss Tegel, mas também para encorajá-lo a se juntar novamente com o também exilado nos EUA Otto Fenichel para reeditar a experiência de Berlim. Ora, se Freud ele mesmo, poucos meses antes de morrer, ainda tinha vigor para instigar um discípulo seu para reproduzir sua clínica pública no exílio sob a forma de um emocionante “O seu Sanatório não está ainda completo”, não há porque não encerrar um debate sobre as clínicas públicas nos primórdios da psicanálise retomando

este tom de coragem. Que se faça portanto ecoar as palavras de Freud: segue o desafio de manter este legado vivo nas clínicas públicas, abertas, livres e gratuitas em pleno processo de expansão hoje no Brasil.

### Referências bibliográficas

- Accerboni, A. M. (1988) Psicanálise e Fascismo: Duas abordagens incompatíveis. O difícil papel de Edoardo Weiss. *Revista Internacional da História da Psicanálise*, 1, 199-216.
- Alves Lima, R. (2015a) *Por uma historiografia foucaultiana para a psicanálise: o poder como método*. São Paulo: Via Lettera.
- Alves Lima, R. (2015b) Situação da Psicanálise e Formação do Analista em 2015 (pp. 31-42). En Alves Lima, R. (org.) *Clinicidade: a psicanálise entre gerações*. Curitiba: Juruá
- Bennett, P. W. (2010) Wilhelm Reich's Early Writings on Work Democracy: A Theoretical Basis for Challenging Fascism Then and Now. *Capitalism Nature Socialism*, 21 (1), 53-73.
- Butler, J. (2003) *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Checcia, M.; Torres, R.; Hoffmann, W. (orgs.) (1906-1908) *Os primeiros psicanalistas: Atas da Sociedade Psicanalítica de Viena*. São Paulo: Hedra/Scriptorium, 2017.
- Checchia, M., Souza Jr., P. S. & Alves Lima, R. (orgs.) (2017) *Por uma Psicanálise Revolucionária: Otto Gross*. São Paulo: Annablume.
- Checchia, M. (2018) Otto Gross: um caso de segregação e esquecimento na história da psicanálise. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, (-5), 2. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2018/06/04/n05-02/>>.
- Cocks, G. (1997) *Psychotherapy in the Third Reich: the Göring Institute*. New Jersey: Transaction Publishers.
- Cromberg, R. (2017) Psicanálise na Rússia (pp. 91-141). En Souza Jr., P. S. (org.) *A Psicanálise e os Lestes*. São Paulo: Annablume
- Danto, E. A. (2000) Sex, Class and Social Work: Wilhelm Reich's Free Clinics and the Activist History of Psychoanalysis. *Psychoanalytic Social Work*, 7 (1), 55-72.
- Danto, E. A. (2005) *Freud's Free Clinics: psychoanalysis and social justice, 1918-1938*. New York: Columbia University Press.
- Danto, E. A. (2009) 'Perfect in its principles': Psychoanalytic praxis at Ernst Simmel's Schloss Tegel. *Psychoanalysis, Culture & Society*, 14 (4), 337-349.

- Declercq, R. (2017) *World Market Transformation: Inside the German Fur Capital Leipzig, 1870-1939*. London: Routledge.
- Derrida, J. (2007) Geopsychoanalysis “and the rest of the world”. En Derrida, J. *Psyche – Inventions of the Other, Volume 1* (pp. 318-343). California: Stanford University Press.
- Elias, N. & Scotson, J. L. (2000) *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Etkind, A. (1997) *Eros of the Impossible: the history of psychoanalysis in Russia*. Boulder, Westview Press.
- Falzedo, E. (2015) *Psychoanalytic Filiations: Mapping the Psychoanalytic Movement*. London: Karnac.
- Freud, S. (1919) Caminhos da Terapia Psicanalítica. En Freud, S. *Obras Completas, Volume 14* (pp. 279-292). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- Frosh, S. (2015) *Hate and the ‘Jewish Science’: Anti-Semitism, Nazism and Psychoanalysis*. London: Palgrave Macmillan.
- Gay, P. (2001) *Weimar Culture: the outsider as insider*. New York: WW Norton & Company.
- Grosskurth, P. (1992) *O Círculo Secreto: o círculo íntimo de Freud e a política da psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Gruber, H. (1991) *Red Vienna: experiment in working-class culture, 1919-1934*. New York: Oxford University Press.
- Hale Jr., N. G. (1995) *Freud in America, Vol. 2. The rise and crisis of psychoanalysis in the United States: Freud and The Americans, 1917-1985*. New York: Oxford University Press.
- Horkheimer, M. (1948) Ernst Simmel and Freudian Philosophy. *The International Journal of Psychoanalysis*, 29 (1), 110-113.
- Jacoby, R. (1986) *The Repression of Psychoanalysis: Otto Fenichel and the Freudians*. Chicago & London: University of Chicago Press.
- Jay, M. (1996) *The Dialectical Imagination: a history of the Frankfurt School and the Institute of Social Research, 1923-1950*. Los Angeles: University of California Press.
- Liebermann, G. (2012) *La Psychanalyse em Palestine 1918-1948: aux origines du mouvement analytique israélien*. Paris: Campagne Première.
- Makari, G. (2008) *Revolution in Mind: The Creation of Psychoanalysis*. New York: Harpen-Collins Publishers.

- Mészáros, J. (2014) *Ferenczi and Beyond: Exile of the Budapest School and Solidarity in the Psychoanalytic Movement during the Nazi Years*. London: Karnac.
- Mijolla, A. (2005) *Dicionário Internacional da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Mijolla, A. (1988) *Revista Internacional da História da Psicanálise 1*. Rio de Janeiro: Imago.
- Mijolla, A. (1989) *Revista Internacional da História da Psicanálise 2*. Rio de Janeiro: Imago.
- Mijolla, A. (2010) *Freud et la France, 1885-1945*. Paris: PUF.
- Miller, M. A. (1998) *Freud and the Bolsheviks: Psychoanalysis in Imperial Russia and the Soviet Union*. New Haven & London: Yale University Press.
- Pasqualini, M. (2012) Origin, Rise, and Destruction of a Psychoanalytic Culture in Fascist Italy, 1922-1938 (pp. 7-34). En Plotkin, M. B. & Damousi, J. (orgs.) *Psychoanalysis and Politics: Histories of psychoanalysis under conditions of restricted political freedom*. New York: Oxford University Press.
- Reich, W. (2012) *Sex-Pol: Essays, 1929-1934*. London: Verso.
- Rice, J. (1993) *Freud's Russia: National Identity in the Evolution of Psychoanalysis*. New York: Routledge.
- Roazen, P. (2017) *Edoardo Weiss: the house that Freud built*. London: Routledge.
- Rolnik, E. (2012) *Freud in Zion: Psychoanalysis and the Making of Modern Jewish Identity*. London: Routledge.
- Rothe, H. -J. (1996) Karl Landauer and the South West German Psychoanalytic Study Group. *International Forum of Psychoanalysis*, 5 (4), 277-288.
- Roudinesco, E. (1988) *História da Psicanálise na França, v. 2*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Roudinesco, E. & Plon, M. (1998) *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Savelli, M. (2013) The Peculiar Prosperity of Psychoanalysis in Socialist Yugoslavia. *The Slavonic and East European Review*, 91 (2), 262-288.
- Savelli, M & Marks, S. (eds.) (2015) *Psychiatry in Communist Europe*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Schulz, U. & Hermanns, L. M. (1991) Ernst Simmel's Schloss Tegel Sanatorium. On history of the first psychoanalytic clinic. *Los Angeles Psychoanalytic Bull*, 91 (1), 3-20.

- Sharaf, M. (1983) *Fury on Earth: A Biography of Wilhelm Reich*. New York: St Martin's Press.
- Sokolowsky, L. (2010) Ernst Simmel and the Psychiatric Hospital. *Cliniques Méditerranéennes*, 1 (81), 231-237.
- Sterba, R. (1982) *Reminiscences of a Viennese psychoanalyst*. Detroit: Wayne State University Press.
- Veer, R. V. D. (2011) Tatyana on the Couch: the vicissitudes of psychoanalysis in Russia (pp. 49-65). En Zitton, T. & Salvatore, S. (eds.) *Cultural Psychology and Psychoanalysis: pathways to synthesis*. Charlotte, North Carolina: IAP-Information Age Publishing.
- Wilmers, M.-K. (2012) *The Eitingons: A Twentieth-century Story*. London: Verso.
- Wittenberger, G. & Tögel, C. (eds.) *Las Circulares del "Comité Secreto"* (2 vols). Madrid: Síntesis.
- 

Fecha de recepción: 15 de febrero de 2019

Fecha de aceptación: 10 de abril de 2019